Ideologia e Política | Luiz Marques

07/05/2021

“Meus heróis

Morreram de overdose

Meus inimigos estão no poder

Ideologia!

Eu quero uma pra viver

Ideologia!

Eu quero uma pra viver”

– Cazuza

-O Oriente e o Ocidente

Antônio Francesco Gramsci, o teórico que morreu nos cárceres de Mussolini, elaborou reflexões sobre por que a revolução ocorreu na Rússia atrasada (1917) e não em países desenvolvidos como a Inglaterra, a Alemanha ou a França. A resposta não escorregou para o elogio acrítico do voluntarismo dos bolcheviques ou da individualização da enrgia revolucionária de Lenin e Trotski. Antes, comparou as estruturas estatais existentes no Oriente e no Ocidente. Não era questão de vontade política ou da genialidade dos líderes do putsh, conforme lê-se no relato hagiográfico descrito por John Reed (10 Dias que Abalaram o Mundo, 1967). Mas resultado de uma estratégia adequada às circunstâncias históricas da região.

No Oriente, de regimes despóticos, o Estado “*era tudo*” e a sociedade civil “p*rimitiva e gelatinosa*”, sendo adequada a estratégia de “*guerra de movimento*”. O poder estava localizado em um *locus* (Bastilha, Palácio de Inverno, Palácio de La Moneda, Casa Rosada), e podia ser tomado pelo enfrentamento político-militar direto pela posse desse território simbólico a Leste. Foi o que sucedeu sob o czarismo.

No Ocidente, de regimes liberal-democráticos, o Estado “*era ampliado*”, abarca o aparato governamental da “*sociedade política*” (O Executivo, o Judiciário e o Legislativo) e também a “*sociedade civil*”. Aqui a estratégia apropriada para a consecução do poder é a “ *guerra de posição*”, em vez do choque aberto. Deve prevalecer o trabalho de convencimento das maiorias, sem o alegado heroismo das jornadas épicas com que as irrupções revolucionárias costumam ser pintadas desde a Revolução Francesa (1789). Na região ocidental, o poder está protegido por um envólucro *relacional* que engloba organizações trabalhistas e patronais, universidades, escolas, igrejas, sindicatos, meios

midiáticos, redes sociais, e todo tipo de coletivos associativos, de torcidas organizadas de fiutebol a clubes de tiro e náuticos… A Oeste, o poder não se identifica com um *locus* em específico. Ele está espalhado por "*tricheiras e casamatas*" em todos os lugares.

A sociedade civil fica entre as estruturas econômicas e a sociedade política (o Estado, com sua legislação e coerção). Hoje a esquerda e a direita estão familiarizadas, se não na teoria então na prática, com a necessidade de aprimorar os confrontos narrativos para respaldar a cosmovisão de seus respectivos projetos de poder. Ambas investem no esforço militante de persuasão para ganhar os corações e as mentes. Sabem que todos os bolsões de cidadania são importantes para garantir a hegemonia, em conjunturas em que o consentimento majoritário é a via incontornável para pavimentar o acesso ao poder através dos processos eleitorais.

– Ideologia: relação de poder

No Brasil, a esquerda e a direita disputam a consciência da sociedade civil em um terreno conhecido: o sistema de representação que transcendeu as etapas censitária (voto só para os proprietários), sexista (voto só para os homens) e escolar (voto só para os alfabetizados), tornando as eleições integralmente universais a partir de 1988. Construir um largo consenso político é o objetivo das ideologias e projetos díspares no arco daqueles que têm a opção preferencial pela guerra de posição.

A esquerda e a direita, no quadro representacional clássico, compartilham o "*conceito político de ideologia*" que incide (sem falsear) sobre a realidade concreta. A extrema-direita sequestra o real, faz do delírio o *leitmotiv* da ação, o impulso à desconstrução das narrativas que recordam a modernidade. E, das diferenças, o motivo para insurgir-se em nome de uma unicidade avessa à diversidade.

Comungam a ideologia "*como relação de poder*" voltada, ou às demandas populares, ou às reivindicações do mercado. Independente da direção, labutam por um programa de transformação ou manutenção da ordem com apoio na opinião pública. Nessa acepção, a ideologia é uma força que age na cotidianidade, bem como sobre as instâncias da superestrutura: os valores morais, jurídicos, filosóficos, estéticos, religiosos, econômicos… Karl Marx expôs essa compreensão no Manifesto de 1848, ao apontar que a ideologia dominante em cada período histórico-social tende a ser a ideologia das classes dominantes. Das finanças, no caso do neoliberalismo.

– Ideologia: imaginário social

O nó, diante da crise da democracia representativa ("*não me representa*") e a ascensão da extrema-direita ("*totalitária*", porque invade a vida privada), reside em que as contendas políticas não se dão mais com "*adversários*" em um contexto de normalidade. Dão-se com a semântica "*amigo-inimigo*" do jurista nazista Carl Schmitt (O Conceito do Político, 1927-32), visando exterminar oponentes interpretados à guisa de ameaças à soberania do Estado. Ou de um Eu, no caso Louis XIV, que dizia "*L'Etat c'est Moi*" (O Estado sou Eu)., lembrando a recente declaração de Jair Bolsonaro ao afirmar que só desce do trono

em um caixão: "*Só Deus me tira da cadeira presidencial*" (16/04/2021). Fosse um presidente republicano diria "*só o povo soberano tem o direito de me depor*".

A versão de ideologia dos nazifascistas constitui-se "*como imaginário social*". Viola a razão iluminista. Interdita o debate democrático. Conduz ao mascaramento da realidade social. Nega o regime liberal-democrático. Ensaia a guerra de movimento para alcançar ou manter o poder. Vide o ataque incitado por Trump ao Capitólio, sede do Congresso estadunidense, na sequência da derrota para Biden. Ou a ameaça da familiciana bolsonarista ao especular "*um soldado e um cabo*" para fechar o guardião da Constituição, o Supremo Tribunal Federal (STF) – cão que late, morde.

As correntes do nazifascismo adotam o "*conceito epistemológico de ideologia*", que falseia o conhecimento e os conteúdos criando uma pseudorrealidade. Exemplos: a crença no terraplanismo, a pregação contrária às vacinas, o exercício da necropolítica, a abstinência na pauta da educação sexual, a pantomima nacionalista que acoberta a entrega do patrimônio nacional. Ao que poderiam se juntar as *fake news* e as *deep fakes*. Para lembrar Schopenhauer, "*procuram nas nuvens aquilo que está sob os seus pés*". Os surtos delirantes têm a função de instrumentalizar a indignação teatral para atacar as instituições do *status quo* (a democracia liberal). Sua visão ideológica provoca o efeito da distrorção de imagens na "*câmera obscura*" de uma máquina fotográfica. Fenômeno estudado no continente teórico de Marx: em particular, na Sagrada Família (1845) e na Ideologia Alemã (1845-46).

– Resumo

A) A "*ideologia como relação de poder*" traduz uma concepção de mundo vinculada a um projeto político para conquistar a adesão da sociedade civil. É uma dimensão inseparável da política. Busca a hegemonia. Pratica a guerra de posição. Perfila-se com os vetores da modernidade, no regime liberal-democrático. À esquerda, enfatiza a participação direta. À direita, salienta a representação parlamentar e coibe o fortalecimento do povo. Mas com respeito aos procedimentos institucionais, nas pegadas de Norberto Bobbio (O Futuro da Democracia: Defesa das Regras do Jogo, 1986). Lida com o coneceito político de ideologia. Busca a persuasão..

B) A "*ideologia como imaginário social*" mascara a realidade social para reforçar o *establishment*. Em termos epistemológicos, falseia o conhecimento e os conteúdos. Emoldura o autoritarismo da extrema-direita. Usa a democracia para suplantar o regime liberal-democrático em diversas nações na atualidade (Brasil, Colômbia, Hungria). Os extremistas tendem a protagonizar a guerra de movimento e fetichizar o poder. Opõem à modernidade o Tradicionalismo, conforme lê-se em.Benjamin Teitelbaum (Guerra pela Eternidade: o Retorno do Tradicionalismo e a Ascensão da Direita Populista, 2020). Lida com a força em vez do convencimento.

As duas faces da ideologia revelam modos políticos antagônicos de deliberar sobre temas de incidência na sociedade civil. Não há "*centro político*" nessa polarização de cunho histórico, que extrapola conjunturas ao dispor as peças no tabuleiro. Há, sim, dois terrenos

opostos. Seria o momento de perguntar: em quais campos se situarão Lula & democratas e Bolsonaro & apoiadores nas próximas eleições?

- ***Luiz Marques*** é professor universitá

“A pedido do autor, o texto foi reescrito a f eensão para a leitura dos companheiros e companheiras. Obrigado”.

Compartilhe nas redes: